

Domingo, 27 de Maio de 2018



## Eutanásia

### Ensaio de José Gil e Henrique Leitão

P8/9

## Alimentação na cidade

### No meio dos prédios, as hortas

P10 a 13

Público  
**P2**



## Em Gaza, com os “empreendedores mais duros” do mundo

P4 a 7



**Tema de capa** O quotidiano de Gaza é definido pelos limites do território. Mas, no meio da destruição e da densidade urbana, a Internet funciona. A ligação ao exterior traz possibilidades de trabalho e há *startups* a sair do grupo dos “empreendedores mais duros” do mundo

Por Maria João Guimarães, em Gaza

# “Sou de Gaza” Uma geração a tentar sair de Gaza para dizer

**H**ala Olwan e Iyad Altahrawi são jovens e ambiciosos num lugar de enormes dificuldades para quem é jovem e ambicioso: a Faixa de Gaza, um pequeno território cercado, de onde é difícil (alguns dirão: quase impossível) sair, onde os bens que entram são restritos e rigorosamente revistos, onde há electricidade apenas quatro horas por dia, onde quem governa é o movimento islamista Hamas.

Hala sente que a sua vida é ainda mais complicada por ser mulher. Mas tem um plano e está a segui-lo com rigor. Vai fazer “tudo o que conseguir e ainda “mais um pouco” para tentar “realizar um sonho quase impossível”: sair de Gaza e conseguir um emprego fora.

Já Iyad fez o percurso de sonho de Hala e regressou: saiu para estudar nos EUA e na Alemanha, trabalhou em Frankfurt, mas largou um emprego para voltar, ajudar e trabalhar com os “empreendedores mais duros do mundo”.

Iyad Altahrawi está no espaço dos Gaza

Sky Geeks, uma incubadora de *startups*, academia de código, aconselhamento a *freelancers* e espaço de *coworking*, um oásis de electricidade, energia e optimismo no meio de Gaza. A decisão que tomou é sempre questionada – a maioria das pessoas está a tentar fazer o oposto. Iyad não desvaloriza as dificuldades, nem para si próprio – “É verdade que às vezes estou encurralado em Gaza e não consigo sair” – nem para o trabalho. “Trabalhamos num ambiente muito incerto.” Mas desde que regressou, há mais de um ano, nunca se arrependeu, garante.

“Gosto de acordar e ir para o trabalho todos os dias”, sublinha. “As pessoas são muito activas e ambiciosas. Toda a gente está a tentar conseguir chegar a qualquer lado”, diz. Nos Gaza Sky Geeks, tem possibilidade de ajudar e fazer mesmo a diferença. “Este é um local de esperança e ambição.”

A um sábado às 9h30 da manhã (é o segundo dia do fim-de-semana na região) já há uma série de pessoas sentadas na sala comum de *coworking*, de café e computador à frente. O espaço tem quadros com frases motivadoras de figuras inspiradoras de Harry Potter a Rocky Balboa (“Não é uma

questão de quão forte consegues bater, é quão bem consegues aguentar ser atingido e continuar em frente”).

O caos de Gaza, as buzinas e burros, o pó e os *checkpoints* do Hamas ficam lá fora. Aqui há um bulício, mas mais organizado: “Não trabalhes duro, trabalha de forma inteligente”, diz outro cartaz. O inglês é a língua franca, mas há também informação em árabe.

Iyad Altahrawi é responsável pelo programa de incubação e aceleração nos Gaza Sky Geeks (GSG) e trabalha de perto com as equipas de *startups* e mentores. Está prestes a começar um programa de aceleração de 16 semanas com *workshops*, metas semanais, e um dia de demonstração para apresentação a investidores.

A Internet é uma das infra-estruturas boas de Gaza, o território tem muitos jovens qualificados. O programa Gaza Sky Geeks (GSG) começou em 2011, com financiamento da organização de ajuda dos EUA Mercy Corps e da Google, para aumentar o conhecimento de tecnologia, e foi tendo cada vez mais ofertas e programas, para aproveitar o potencial do trabalho em *software*.

Iyad explica que Gaza tem potencial, por ter grande “talento tecnológico”, de se tornar um exportador de trabalho na área como é a Índia. A dificuldade em trabalhar com *hardware* (quase nada entra em Gaza; apesar disso, há uma série de pessoas a trabalhar com impressoras 3D, contornando a falta de materiais com peças antigas e vídeos de instruções do YouTube) também leva a que a maior parte das pessoas da área se dediquem antes ao *software*.

E com os GSG a conseguirem ter pessoas a participar em competições internacionais e ganhar prémios, Iyad garante: “Tenho a certeza de que lá fora somos conhecidos pelo nosso trabalho.”

Mas nem tudo o que é virtual funciona só em meio virtual. Se é possível contrariar o não ter matérias-primas oferecendo serviços, a dificuldade em viajar afecta muito as hipóteses de crescimento. É que os donos do dinheiro “não investem em ideias”, diz Iyad, querem sim “conhecer as pessoas, ver como trabalham”. Existe o Skype, mas neste caso não funciona.

Muitas vezes há oportunidades fora, mas o ritmo das autorizações de Israel é incomparavelmente mais lento do que









IBRAHEEM ABU MUSTAFA/REUTERS



ALI JADALLAH/NADOLU AGENCY/GETTY IMAGES

o ritmo das oportunidades. E do Egipto é ainda mais incerto. Os dois países bloqueiam o território invocando razões de segurança; organizações de defesa dos direitos humanos dizem que o bloqueio é ilegal e que serve como “castigo colectivo”.

Face a tudo isto, importa “nunca desistir”, diz Sara Alafifi, do programa de mentores e comunicação. Mesmo que a taxa de saída dos empreendedores para mostrar trabalho, ou de formandos para estágios em empresas internacionais, seja “de 5%”, eles vão tentar sempre aumentá-la. Mesmo que não haja lógica aparente nas decisões, e que a saída de uma pessoa possa ser aceite numa vez e rejeitada na seguinte, “vamos aprendendo”.

A aposta é na maior antecedência possível, e na flexibilidade de todos – “nem que seja preciso adiar”. Por exemplo, recentemente, a Google aceitou adiar seis meses um estágio de um formando dos GSG até chegar a autorização para a viagem. Acabado o estágio, novo problema – o regresso também teve de ser adiado (as entradas são quase tão incertas quanto as saídas). Mas o estágio foi feito.

Outro problema é a falta de opções de pagamentos: o PayPal, sistema quase universal, não opera na Palestina.

Por isto e por tudo o resto, explica Sara Alafifi, é que aqui estão “os empreendedores mais duros” do mundo. Porque estão habituados a trabalhar num local onde tudo pode acontecer, a contornar todos os imprevistos, a encontrar uma solução para todos os problemas. O chavão de não haver dificuldades e sim desafios a superar é verdadeiro aqui, todos os dias.

Mas também porque é possível trabalhar arduamente, ser ótimo, e perder uma ou várias oportunidades. É preciso saber lidar com a incerteza, com a frustração. “Fazes o mesmo que pessoas em todo o mundo estão a fazer – e devia estar a resultar. Mas estás em Gaza, por isso tens de trabalhar mais. E ter paciência”, explica Sara Alafifi.

## Mulheres na liderança

Sara nota que em todo o mundo as mulheres trabalham mais e em Gaza trabalham ainda mais. Mas aqui nos Gaza Sky Geeks, “se há coisa que não há, é falta de ajuda para mulheres”, sublinha. Elas são 53% em todos os programas, e a percentagem sobe na parte das *startups*: 58% são fundadoras ou parte das equipas.

Os casos de maior sucesso saído dos GSG são *startups* de mulheres – Nour Abuzaher é uma delas, a sua empresa MomyHelper, de ajuda a mães árabes, que obteve um segundo lugar numa competição de *startups* em Istambul (para onde teve autorização de Israel para ir – já para outro concurso na Califórnia não conseguiu) e financiamento

de uma *business angel* (como são chamados investidores relativamente pequenos) do Dubai.

Nour teve a ideia para um serviço de aconselhamento de mães árabes depois de ser mãe. “Na altura estava fora de Gaza, não estava perto da família, e não sabia lidar com o meu bebé – queria fazer todo o possível para dar tudo ao meu pequenino”, conta. Começou a partilhar no Facebook algumas das ideias para o seu “pequenino”, como chama sempre ao filho (hoje com três anos). Recebeu muitos comentários e mensagens privadas de mães que não conhecia a pedir a sua opinião para dificuldades e problemas. “Eu não podia responder, não sou especialista”, nota. Percebeu que havia ali uma necessidade. Leu que as mães árabes têm uma percentagem de depressão comparativamente alta. E que apesar de haver rede e apoio familiar, o mundo já não é o mesmo do da sua mãe e avó.

Assim começou a trabalhar numa aplicação para aconselhamento profissional fácil e discreto para mães árabes – telefónico, sem imagem, o que é importante sobretudo se o especialista for um homem. A empresa foca-se no mercado do Médio Oriente e Norte de África, mas Nour conta que, mesmo sem ter esse mercado como *target*, tem utilizadoras da Alemanha ou Áustria.

Nour sublinha que muitas mulheres sempre trabalharam em Gaza – embora as profissões mais comuns fossem como

professoras ou enfermeiras. Mas “a situação mudou muito nos últimos cinco anos”, explica. As dificuldades económicas fizeram com que muitas famílias já não vejam com maus olhos que as mulheres trabalhem e ganhem dinheiro. “Cada vez há mais mulheres a sair, trabalhar, fazer voluntariado – há uma percentagem que não pode, é verdade, mas é cada vez mais pequena.”

Voltando a Sara Al-Afifi e à sua *tour* algo acelerada de tudo o que os Gaza Sky Geeks têm para oferecer, ela sublinha a parte direccionada para as mulheres: clubes de código para mulheres (“a maioria não é encorajada na universidade a seguir esta via), reuniões regulares com mulheres que têm *startups*, *brunch* às segundas-feiras com mulheres inspiradoras e sempre que há mentoras internacionais também é organizado um encontro. “Algumas das visitantes internacionais ficam espantadas e dizem que aqui é melhor para as mulheres do que em Silicon Valley”, diz Sara. “Os homens é que às vezes acham que estão a ser discriminados.”

## Uma cerimónia à americana

A Internet é o trabalho de uns, mas é também uma linha de ligação ao exterior.

A pouca distância da sede dos Gaza Sky Geeks está o café Al-Baqa. É uma curtíssima viagem de carro, que pode ser chamado com uma *app*, que permite partilhar viagens com amigos. “O seu capitão chegou”, anuncia a

## Claro-escuro

Dalia Shurrab, coordenadora de redes sociais do Gaza Sky Geeks, um oásis de electricidade, energia e optimismo, onde as mulheres estão em maioria. Em baixo, estudo à luz de velas. Na maior parte dos lares de Gaza só há electricidade por períodos de quatro horas, que não são sempre os mesmos

*app* – desenvolvida por uma *startup* saída dos Gaza Sky Geeks. Da janela do carro vêem-se os muros cheios de *graffiti*, a cúpula dourada da mesquita de al-Aqsa, em Jerusalém, desenhos alertando para o perigo de colisões nos cruzamentos, onde se amontoam carros e carroças e se buzina para passar.

O café é uma grande esplanada sobre o mar e vai-se enchendo à medida que a tarde passa com grupos de amigos que se encontram. Hoje, a estudante Mais Abu Shawish tem um sorriso especial quando anuncia: “Tive o meu último exame: finalmente acabei e posso fazer o que quiser!”, diz. “Estava mesmo stressada”, acrescenta, deixando-se cair na cadeira e pedindo um sumo cor-de-rosa, que condiz com o seu *hijab* florido.

Mais (lê-se Maiz) tem 23 anos e está a acabar o curso de Inglês e Francês na Universidade al-Azhar – a cerimónia de fim de curso, à americana, ainda está para vir: centenas de alunos vestirão o seu fato com um pormenor de padrão de lenço palestino, e chapéu e tudo, para receber os diplomas. O contraste entre a cerimónia e o muro da universidade é grande: lá foram sendo pintados os retratos dos manifestantes mortos por atiradores furtivos israelitas nos protestos da Marcha do Retorno, que começaram a 30 de Março. O muro só teve espaço para os primeiros – acabaram por morrer 110 manifestantes, a maioria dos tiros (o Exército disse que atingiria quem quer que se aproximasse da barreira que divide Gaza de Israel).

Mesmo antes de ter o diploma na mão, a prioridade de Mais é trabalhar. “Preciso de ser independente financeiramente – explica –, porque já tive uma oportunidade de estudar fora e os meus pais não me deixaram.” Nem todas as famílias aceitam que as jovens mulheres viajem sozinhas. Se vai resultar ou não, não faz ideia. Ela oscila entre o pessimismo (“não sei como vai ser, parece que as portas estão todas fechadas”) e o optimismo (“talvez um dia consiga fazer muita coisa!”).

O futuro, Mais sabe que vai ser diferente do que é hoje. “Nada fica igual. Não quer dizer que vá ficar melhor, mas igual, não fica”, garante. Esta estudante é “apaixonada por tudo o que é diferente” e por isso tem amigos, que fez *online*, em todo o mundo. “Os meus amigos mais próximos são os que vivem mais longe.” Um budista, um homossexual, em Gaza não conhece ninguém assim (pessoas de outras religiões há apenas cristãs, uma pequena minoria, “homossexuais talvez haja, sim, mas escondidos”).

Estas amizades surgiram num grupo para políglotas de que Mais fez parte. Fez, no passado, porque a dada altura houve um encontro na Califórnia e ela não foi

66

## Fazes o mesmo que pessoas em todo o mundo estão a fazer – e devia estar a resultar. Mas estás em Gaza, por isso tens de trabalhar mais. E ter paciência

Sara Alafifi

porque não conseguiu autorização, apesar da pressão de responsáveis do grupo. A ausência foi o motivo para a sua saída. “Um problema das ligações externas de Gaza é que muitas pessoas não percebem o que passamos aqui.”

Tais como: a falta de electricidade; ter electricidade em períodos de quatro horas que não são sempre os mesmos; não saber quando há ou não; não saber, desde há cerca de dez anos, o que é um fornecimento de electricidade normal. As implicações mais óbvias: não se pode ter nada no frigorífico que se estrague em mais do que um dia; ter problemas caso se precise de medicamentos que necessitam de frio; ter a casa às escuras à noite durante longos períodos; ou ter luz eléctrica só de madrugada; ficar frequentemente com o telefone ou o computador sem bateria; a roupa por lavar, ou por passar; ter os elevadores parados (e há muitos prédios altos em Gaza); ler ou estudar à luz de velas ou lanternas. Não ter alívio para o calor no Verão.

### Como “num filme de terror”

Estar em casa sem electricidade “é como estar num filme de terror”, diz Tarek, 21 anos, estudante de Engenharia, especialização em Metalomecânica, que se junta mais tarde ao grupo de Mais no café à beira-mar. Estar fechado, à noite, horas a fio, no escuro... “é horrível, não consigo explicar.” “Se é para falar de electricidade,

então vamos falar do efeito psicológico”, diz por seu lado a advogada Fatima, 25 anos, que entra na conversa.

Fatima é uma das sortudas: tem um contrato de seis meses – “O que é o melhor que se consegue arranjar aqui.” Mas recusa-se a viver de acordo com o horário aleatório da electricidade. Se há pessoas que deixam todos os interruptores em casa ligados para terem a certeza de que acordam quando regressa a luz, e que assim conseguem não falhar as quatro horas quando estas calham a meio da noite, ela faz o contrário. “Já não consigo lidar com isto, então, vivo sempre na escuridão.” “Já estou habituada, foram sete anos a estudar sem luz” – às vezes fora de casa, às vezes com uma lanterna, ou mesmo à luz de velas.

Mas isto não quer dizer que não tenha um desejo profundo de ter algumas horas mais de electricidade: “Penso muito que as coisas podem mudar. Sobretudo nos dias de calor, penso em como seria bom ter uma ventoinha.” Mas há dez anos que a situação não muda. Fatima fez uma única concessão à electricidade: tem um carregador de bateria para o telefone; mesmo assim, às vezes, fica sem bateria.

Por isso muitos jovens estão cada vez mais tempo fora de casa, na universidade, ou no café, onde geradores vão carburando a combustível e com uma ou outra interrupção, asseguram uma quase normalidade.

Estar num destes cafés ao pé do mar, então, é a maior escapatória possível, ter um horizonte além do emaranhado de prédios da cidade. É uma sensação, imaginária, porque a Marinha israelita assegura o cerco no mar e nunca seria possível sair por ali. E como a electricidade não chega para tudo, também não chega para tratar os esgotos, e assim, muitas vezes estes são descarregados sem tratamento directamente no mar.

Mas num sítio onde não há quase nada para fazer, não ir ao mar, não deixar as crianças nadar, está fora de questão. O máximo é evitar as zonas de descarga directa. Da esplanada do Al-Baqá vêm-se os miúdos, gritos entusiasmados, a lutar com as ondas, a brincar com o vaivém do mar. Ao longe parece tudo bem; ao perto vê-se que a espuma não é branca.

### A electricidade como tema

Muitos destes jovens falam inglês como se tivessem saído de um intercâmbio nos Estados Unidos – mesmo que a maioria nunca tenha ido a nenhum lugar a mais de 20 quilómetros de onde estão. A fluência que têm espelha o seu esforço – é a chave para a tão ansiada saída.

Hala Olwan é o exemplo máximo disto:

tem 21 anos, estuda Literatura Inglesa na Universidade Al-Azhar, nunca saiu de Gaza, mas fala como se estivesse numa série de televisão americana, velocidade, entoação, ritmo, entusiasmos e tudo.

Hala está na sala da casa da sua família, onde hoje estão também a mãe, os quatro irmãos (“os macaquinhos”) e uma amiga. É num terceiro andar e foi possível subir de elevador porque estamos numa hora em que há electricidade. Enquanto falamos, a mãe serve Coca-Cola já fresca de uma hora no frigorífico e vai supervisionando o carregar de uma bateria que parece de automóvel, e depois outra. Estas vão guardar alguma electricidade, que depois é usada, com um conversor, para ver televisão, carregar um telefone, ter luz para ler à noite. Isto diminui a vida útil dos aparelhos, mas é melhor do que só os poder usar às horas de fornecimento. É impossível escapar a este tema em Gaza.

Mas não é só a electricidade e ter de planear toda a vida à volta daquelas quatro horas de energia – é ter de “lidar com as expectativas sociais em relação às mulheres”, o que é, sublinha Hala, “uma questão de cultura e não de religião” (ela usa o véu islâmico). Feminista, lança-se num desabafo sobre o poder dos homens sobre as mulheres, o facto de os maridos serem quem decide tudo, de haver violência doméstica. Ela não quer valer menos, não quer submeter-se, não quer ser “uma mulher em Gaza”.

“Sou muito ambiciosa”, diz, “tenho um plano, e vou fazer tudo o que puder para conseguir este sonho quase impossível” – sair de Gaza.

O plano inclui esmero no estudo – tem de ser excelente porque quer concorrer a uma bolsa e tem de estar entre os melhores para a ganhar. Vai procurar tudo o que é preciso saber sobre as bolsas disponíveis, cruzar toda a informação que conseguir e vai fazer uma candidatura que lhe dê as melhores hipóteses. Não quer pôr a hipótese de não resultar.

“Nós fazemos tudo e até mais qualquer coisa”, diz, falando de si – e, de repente, está a falar também dos habitantes de Gaza em geral. “Passámos por três guerras e estamos a sobreviver.” Olha para a amiga, que está ao lado, toca-lhe no braço, e sai-lhe uma exclamação sentida: “*Oh-my-God!* Tenho tanto orgulho de ser palestiniana!”

Mas quer ser uma palestiniana fora. Às vezes demora muito tempo a ter uma ideia do que isto poderia ser. Abier Almasri, por exemplo, saiu de Gaza pela primeira vez aos 31 anos.

Foi há dois meses. Sentada num pátio de um antigo e clássico restaurante da cidade, Abier, que trabalha em pesquisa na organização de defesa de direitos humanos

Human Rights Watch, ainda se emociona ao falar disso.

Contar esta história é um misturar de relatos de restrições práticas, suspenses burocráticas e sentimentos tão fortes que a fizeram rir e a seguir chorar e tudo ao mesmo tempo.

As restrições são a parte mais fácil de contar, embora leve tempo: nunca se sabe se a autorização dada por Israel se vai manter até ao momento em que se passa realmente para o lado de lá; quem sai pode levar pouco mais do que roupas (muitas pessoas optam por levar sacos de plástico transparente com roupa). Pasta de dentes, champô, maquilhagem: nada disto pode passar. Pior para quem trabalha: não é possível levar computadores portáteis. No caso de Abier, como a viagem era para uma reunião da Human Rights Watch em Nova Iorque, ainda havia o visto para os EUA – que tinha de ser pedido em Amã (Jordânia) e nem acreditou quando conseguiu.

Depois vem a parte mais difícil de relatar. “Viajar mudou-me”, diz Abier, gestos calmos interrompidos por entusiasmos repentinos. “Porque se és daqui e vijas para outro sítio, percebes que mereces uma vida melhor.” Porque em Gaza “as pessoas estão com tanta falta de empregos, de salários, de seis ou oito horas de electricidade – já nem sequer pensamos em 24... estamos tão preocupados em ter os cuidados de saúde de que precisamos se ficarmos doentes”, diz. “Estamos tão ocupados com isto que nem pensamos no futuro. Mas nós merecemos esta vida melhor e este futuro.”

Sair é “respirar um ar de liberdade”, diz Abier. “Só me apetecia dizer a toda a gente: ‘Eu sou de Gaza! Sou de Gaza!’”, conta, a sorrir. “Gravei vídeos para me lembrar da sensação. Não consigo descrever, é impossível pôr em palavras.”

Sair “é mágico”, dizia na esplanada Tarek, o estudante de Engenharia. “É como se flutuasses no ar”, gesticula, com saudades.

Sair é achar estranho que lugares estejam todos iluminados durante a noite “só porque é bonito”, que não haja barulho de geradores para suprir a falta de energia, nem haver um balão do exército israelita a recolher imagens, e andar por um aeroporto e comentar que este é – “de certeza, pessoal!” – maior do que Gaza.

“Apesar de tudo isto”, dizia ainda Tarek, “Gaza não é um inferno como as pessoas possam pensar – também é bonito.” Aponta para o mar. E olhando depois as pessoas em volta no café, em conversas animadas em grupo ou em família, ou a dois, mais recatadas, termina: “O mais importante é o espírito.”

maria.joao.guimaraes@publico.pt



### Iyad e Sara

Iyad Altharawi é responsável pelo programa de incubação e aceleração nos Gaza Sky Geeks. É Sara Alafifi que diz que é em Gaza que estão “os empreendedores mais duros” do mundo, porque estão habituados a trabalhar num local onde tudo pode acontecer